

UM LANQUE NA CORTE DO
REI ARTUR

Capítulo 1

Meu nome é Hank Morgan, sou americano. Sempre fui um sujeito prático, interessado em coisas úteis e levava uma vida normal, até que algo extraordinário aconteceu comigo. Mas tenho de contar esta história desde o princípio. Nasci na cidade de Hartford, estado de Connecticut nos Estados Unidos da América. Dessa forma, sou um **IANQUE**.

Adoro as coisas práticas da vida, não ,ou dado ao sentimentalismo e não gosto de poesia. Aprendi com meu pai a ser ferreiro e com meu tio a atuar como veterinário, isso tudo antes de trabalhar em uma fábrica de armas, onde me tornei especialista em montar, construir e projetar rifles, revólveres, canhões, motores a vapor etc. Lidar com máquinas e ferramentas era algo muito fácil para mim. Tão fácil que logo fui promovido a diretor da fábrica, sendo responsável por quase dois mil trabalhadores.

Na minha posição, lidando com homens muitas vezes **EMBRUTECIDOS**, eu tinha de ter um pulso firme. Tive várias discussões **RÍSPIDAS** com funcionários, várias vezes precisei demitir pais de família ou repreender sujeitos mais velhos do que eu. Em nome da produtividade e dos lucros, eu tinha de ser duro. O valor que eu dava ao dinheiro e ao sucesso da empresa estava acima do valor que eu conferia às pessoas.

Uma dessas minhas discussões tomou um rumo inesperado. Por causa de uma alavanca, aumentei o tom de voz e comecei a **INSULTAR** um funcionário. Pelo apelido dele, Hércules, vocês podem imaginar quem venceu a luta. Ele pegou uma marreta e, com um golpe raivoso, atingiu minha cabeça, levando-me ao chão. Lembro de sentir o impacto seguido pela dor. Depois tudo ficou escuro e eu desmaiei.

Não sei quanto tempo fiquei apagado, mas, quando acordei, estava sentado com as costas apoiadas em um **CARVALHO** centenário. Em volta de mim se

estendia um campo muito verde, ondulando-se até o horizonte. Era uma paisagem muito diferente da que eu estava acostumado em Connecticut. Meu coração pulou quando percebi na paisagem a figura de um homem a cavalo.

Estava parado em sua montaria, apenas me observando. Suas roupas eram iguais as dos cavaleiros medievais, de acordo com o que eu havia lido em um livro. Ele vestia uma daquelas armaduras de ferro, com escudo, espada, lança e **ELMO**. O seu cavalo também estava vestido com uma peiteira de couro e coberto por uma manta de seda verde e vermelha cheia de detalhes costurados. O conjunto cavaleiro/cavalo formava um quadro muito bonito naquele campo.

Ele gritou algumas palavras comigo. Seu sotaque era inglês, e sua língua parecia muito com o inglês, embora fosse um pouco diferente. Por isso não entendi logo o que ele estava falando:

— **VÓS PUGNAREIS** comigo?

— Hein? Se eu o quê?

— Eu sou Sir Kay e vos convido para uma **PUGNA! JUSTA**. Por algum pedaço de terra ou pelo coração de uma dama ou então...

— É melhor você voltar para o circo de onde veio ou eu vou chamar a polícia — falei, interrompendo aquela figura estranha.

Ele deu a volta e seu cavalo galopou uns duzentos metros. No início pensei que ele tinha ficado com medo de minha ameaça, mas depois, quando ele **VOLTEOU** o animal novamente em minha direção e começou a galopar contra mim com sua lança em punho, achei melhor sair de sua frente. O chão retumbava

os passos pesados do cavalo. Aquele homem não devia trabalhar em circo, pois seus atos eram muito calculados, muito militares. Vi sua lança de perto, quando ele passou por mim. Se eu não tivesse me refugiado atrás do carvalho, ele teria me atravessado com sua lança. Ela arrancou uma casca da árvore.

Enquanto ele fazia a volta, para iniciar um novo ataque, subi no carvalho. Lá de baixo ele gritou que eu tinha sido derrotado e que agora era sua propriedade. Ele me mataria com a lança se eu não descesse. Resolvi então fazer um acordo, se ele não me matasse, eu desceria. O cavaleiro concordou.

Fui levado como um prisioneiro por ele. Achei que estávamos indo para o seu circo, mas ele era tão sério e decidido que não poderia ser um artista. Comecei a pensar que se tratava de um louco. Sim, havia fugido do hospício e agora agia como se estivesse na Idade Média.

O caminho era muito bonito. Passamos por bosques e pequenos córregos muito limpos. Definitivamente não estávamos em Connecticut onde, no século XIX, vários córregos já estavam poluídos, sendo usados como receptores de esgoto e como depósito de lixo das fábricas. Depois seguimos por uma estrada antiga, formada apenas por dois trilhos de carroça. Eu nunca havia estado naqueles locais antes e não parava de me perguntar como havia ido parar lá. Depois de uma hora de caminhada, avistei uma velha torre ao longe e, ao lado dela, dominando a colina, estava uma fortaleza medieval cinzenta.

— O que é aquilo? — perguntei ao cavaleiro.

— Ora, é Camelot! — ele respondeu como se eu tivesse obrigação de conhecer um castelo no meio do nada.

“Camelot deve ser o nome do manicômio de onde saiu esse sujeito. Espero que o diretor do hospital esteja lá e me liberte”, pensei. Mas, quando me aproximei de suas **COLOSSAIS** paredes de pedra, comecei a admitir que estava diante de algo extraordinário. Em volta do castelo se erguia um vilarejo, cheio de casas de pedra ou madeira com tetos de palha. Seus habitantes vestiam roupas de linho cru, botas de couro e camisas de algodão. Todos muito sujos, cabeludos, despenteados. Os homens barbudos. Porcos, galinhas, ratos, cachorros e gatos cruzavam as ruas estreitas e tortuosas. Crianças brincavam na lama perto de um rio, suas mães lavavam roupa.

Ninguém prestava atenção no cavaleiro que me escoltava. Ninguém achava sua armadura estranha, mas todos se aproximavam de mim. Queriam tocar no meu terno, na minha gravata.

Capítulo 2

Na entrada do castelo, um garoto se aproximou. Tinha um jeito malandro, pensei que ele ia me roubar:

— Cai fora daqui, moleque! — gritei.

Mas ele não saiu. Ficou por ali me observando, enquanto Sir Kay conversava com outros cavaleiros no portão de entrada do castelo. O rapaz começou a fazer dezenas de perguntas sobre mim:

— De onde você veio?

— Que roupas são estas?

— Quem é o seu alfaiate?

— Ele é barateiro?

— Para que serve esse *língua preta* na frente de sua camisa? — era minha gravata. “Que raio de lugar é esse onde as pessoas não conhecem uma gravata”, pensei.

— E os seus calçados, são de couro?

Respondi algumas de suas perguntas, mas estava mais interessado em saber o que Sir Kay estava fazendo. O garoto continuou falando. Era simpático e logo desfiz minha idéia inicial de que ele poderia ser um bandido. Porém, quando ele falou o ano em que tinha nascido, achei que fosse um mentiroso.

— Nasci em 513.

— Como? Não entendi o que você disse.

— Eu disse que nasci no ano de 513 — ele falou com naturalidade.

— Você quer dizer, 513 depois de Cristo?

— Sim, claro, depois de Cristo.

— Tem certeza disso, moleque? Você não está louco? Aliás, eu acho que todos aqui estão loucos!

— Claro que não, senhor. Não estou louco e que eu saiba ninguém aqui está louco também! Por que não acredita que eu nasci em 513? Por acaso o senhor me acha muito novo? Já tenho quinze anos!

— Quinze anos! Você me parece muito bem conservado, garoto!

— Obrigado, senhor.

Ele parecia sincero quando falava. Cheguei a pensar que aquilo tudo fosse uma grande brincadeira do pessoal da empresa, mas não fazia sentido. Para tentar descobrir mais sobre aquele lugar, resolvi continuar conversando:

— Qual o seu nome, rapaz?

— É Clarence, senhor.

— Clarence, diga-me, por favor, que dia é hoje?

— Hoje... hoje é 19 de junho.

— De que ano?

— De 528! O senhor está bem? Deve ter batido a cabeça. Como pode não lembrar o ano em que estamos!

Como Sir Kay se aproximava, despedi-me de Clarence. Os guardas abriram os portões de Camelot e entramos na fortaleza. Clarence aproveitou e entrou conosco também.

Fui conduzido para o interior do palácio, sempre sendo alvo de observações, comentários e sorrisos. Guardas, damas, nobres e cavaleiros que me viam tinham logo que comentar a minha presença. Achavam minha roupa muito feia e riam abertamente de mim.

Cheguei a um grande salão onde centenas de cavaleiros se reuniam em volta de uma grande mesa. Conversavam animados, riam, erguiam taças de argila, ou **GUAMPAS** de touro cheias de vinho, e comiam com as mãos algum tipo de animal assado. Para cada cavaleiro havia dois ou três cães que ficavam sentados perto de seu dono à espera de que este lhe jogasse um osso. Quando o osso era jogado, os cães o disputavam com energia e **ALGAZARRA**.

Eu apenas observava tudo de pé, em um canto, onde também se encontravam uns 20 prisioneiros, todos **ESTROPIADOS**, sujos, magros e feridos, enquanto Sir Kay e os demais cavaleiros devoravam seu banquete e contavam suas histórias. Eram contos mentirosos, cheios de exageros, enfeites. Embora fossem bárbaros em seus modos e costumes, aqueles homens tinham algo especial. Seu modo de falar e suas vestes os deixavam com uma aparência **MAIORAL**. Seus rostos eram fortes ao mesmo tempo que transmitiam bondade e pureza. Sir Galahad era

especial, tinha algo de muito nobre e bom em suas feições. Não seria exagero dizer que eram bonitos os cavaleiros e que olhar para eles era um bom espetáculo.

O mago Merlin, que, ao contrário dos cavaleiros, não possuía formosura em sua aparência, começou a contar uma longa história que suspeitei que todos já conhecessem, pois vários até dormiram ao ouvi-la. Quando o mago terminou, foi a vez de Sir Lancelot contar sua história. Era realmente difícil de acreditar que ele, sozinho, houvesse vencido tantos outros cavaleiros armados, em vários combates. Ora dominava nove oponentes, depois dezesseis, em outra oportunidade trinta e quatro, dos quais seis ele havia trazido a Camelot como prisioneiros. Durante seu relato, notei que Lancelot trocou alguns olhares com a Rainha, o tipo de olhar que, se alguém trocasse com uma mulher casada lá no Arkansas, certamente iria envolver-se em uma briga de morte com o marido...

Depois foi a vez de Sir Kay. Clarence, que me acompanhava, disse ao meu ouvido que meu raptor era um dos maiores mentirosos do reino. Realmente, ele inventou que eu havia saído de uma distante terra de *bárbaros*, onde todos usavam o ridículo terno azul-marinho com a *língua* (que era a gravata) preta no peito. Mentiu que a minha roupa era enfeitiçada e que funcionava como escudo, mas que ele, como cristão **FERVOROSO**, tinha conseguido quebrar o encanto com rezas e, após uma batalha de três horas, havia derrotado meus treze cavaleiros, tendo me trazido como troféu para a corte do Rei Artur. Para finalizar seu relato, disse com força:

— Agora que já não és mais novidade, estranho ridículo, eu o condeno à morte, no dia 21, ao meio-dia. Guardas, tirem as roupas ridículas deste homem e levem-no ao **CALABOUÇO**.

Capítulo 3

Pelado na **MASMORRA**, eu andava em círculos para me aquecer. Tinha a companhia de dois ratinhos. Se quisesse dormir havia um amontoado de palha úmida. Para comer havia uns restos de comida em um prato sujo. Fiquei tentando entender como eu havia ido parar naquele lugar, como era possível tudo aquilo,

mas o meu cansaço era tão grande, e a cela tão escura, que acabei me encostando nas palhas e dormindo. Quando acordei, tinha a sensação de haver dormido vários séculos. Lembro de ter pensado “que pesadelo mais maluco eu tive, ainda bem que acordei antes de ser enforcado!”. Ainda sonolento, levantei e, pensando em acertar as contas com Hércules, lá na fábrica, percebi que o pesadelo continuava. O piso frio, as paredes de rocha, a palha, os ratos: era tudo real, eu não estava em Connecticut e, em breve, seria enforcado.

Minha cabeça doía em meio a tantos pensamentos, quando ouvi a porta da cela se abrir, suas dobradiças enferrujadas **RANGENDO**. Pensei que eram os guardas para me levar à morte. Mas estava enganado, era o jovem Clarence:

— Clarence, que bom que você veio me visitar. Tenho de dar um jeito de fugir daqui. Você precisa me ajudar.

Ele me olhou **ESPANTADO** e disse:

— Mas isso é impossível. As paredes são de pedra, as grades de ferro e o castelo está cheio de guardas armados com lanças e espadas! E, além disso, tem outras coisas muito mais perigosas...

— Que coisas? — perguntei.

Ele ficou calado com o rosto **PÁLIDO**.

— Vamos, Clarence, o que pode ser mais perigoso do que a guarda do Rei Artur?

Ele andou de um lado para o outro. Dava para perceber que queria me contar, mas tinha medo. Eu insisti e ele se aproximou e falou baixinho, perto da minha orelha:

— Merlin enfeitiçou essa masmorra. É impossível escapar de seu encantamento invisível. Tomara que ele não descubra que eu contei o seu segredo, porque tenho medo até de falar o nome dele!

Tive que rir de todo aquele medo causado pela superstição do garoto.

— Clarence, você não pode acreditar nessas **TOLICES**. Merlin é um velho **IMPOSTOR**. Não passa de um **FARSANTE**.

Ao ouvir minhas palavras, Clarence se desesperou:

— Não fale assim, senhor! Por favor, não maldiga o mago Merlin ou ele pode rogar uma maldição para você! Por favor, não fale mais assim ou corremos o risco de que essas rochas desabem sobre nossas cabeças!

A **PROFECIA** do garoto me deu uma idéia. Comecei a rir.

— Do que você está rindo? — Clarence perguntou.

— Estou rindo porque eu também sou mágico poderoso.

— Você? Com aquelas roupas?!

Clarence se assustou. Deu um passo para trás. O povo daquela época tinha tanto medo do sobrenatural, do desconhecido, que acreditava em qualquer coisa que lhes dissessem, sem procurar verificar os fatos, analisar as **EVIDÊNCIAS**. Aquele era um mundo muito pouco científico, no qual um impostor não precisaria comprovar nada. Em minha mente prática de inventor da era industrial fui tramando uma forma de tirar vantagem da **IGNORÂNCIA** daquela gente.

— Sim, eu. Conheço Merlin faz setecentos anos.

— O quê?! Setecen...

— Clarence, não ouse me interromper. Conheço Merlin de outras vidas, outros lugares, outros tempos. Andei com ele pelo antigo Egito, pela Índia. Ele sempre atravessa o meu caminho, mas é um mágico limitado. Conhece alguns poucos truques e muitas farsas. Suas habilidades podem enganar bem o povo que não está acostumado com a verdadeira mágica, mas para mim seus poderes são um **ENGODO**.

O garoto tremia. Aproveitei para pedir que ele comunicasse ao rei que eu era o Mágico Supremo e Grande Nobre Yu-Muckamuck. Pedi ao garoto que falasse para o rei que eu iria causar uma grande tragédia no reino, caso minha prisão não fosse **REVOGADA**.

O pobre Clarence mal podia falar de tão nervoso que estava. Saiu da cela impressionado com a minha ameaça. Durante uma hora fiquei na expectativa. Por

um lado tinha medo de que Clarence desistisse de contar tudo ao rei, afinal, se ele parasse para pensar, veria que se tratava de uma maluquice. Somente um povo muito tolo seria capaz de acreditar nas minhas mentiras. Depois, consegui me tranquilizar, quando pensei que, se o rei e todo mundo acreditava em Merlin, então não havia motivo para que não acreditassem em mim.

Mas como ninguém consegue ficar tranqüilo por muito tempo nesse mundo, logo pensei que, se o rei acreditasse em minha história, provavelmente eu teria de inventar uma grande tragédia para o reino. Afinal, as pessoas que mais têm medo de magia são as que mais querem vê-las realizadas!

Pensei, então, no tal eclipse que iria ocorrer. Lembrei que Colombo, quando aprisionado por índios, usou seus conhecimentos astronômicos e, com a previsão de um eclipse, conseguiu salvar sua pele e dominar os nativos. Decidi fazer a mesma coisa, porém com mais originalidade, já que usaria a **ARTIMANHA** mais de mil anos antes do navegador **GENOVÊS**.

Meus pensamentos foram interrompidos com a volta de Clarence. O garoto disse que o rei estava em pânico. Quis me soltar imediatamente, mas Merlin não deixou. O mago falou que eu deveria ser apenas um louco, caso contrário teria dito que tragédia era esta que eu faria.

— Agora o rei quer que você diga que tragédia será essa e quando ela ocorrerá! — disse Clarence, com a voz trêmula.

— Há quanto tempo estou preso aqui?

— Os guardas o colocaram aqui ontem à noite. Agora são nove da manhã.

— Nove da manhã? Parece noite ainda dentro deste buraco! Hoje é dia 20?

— Sim.

— E a que horas eles vão me **INCINERAR** amanhã?

— Vai ser ao meio-dia, senhor — Clarence falou com um tom triste, estávamos nos tornando amigos.

Fiz uma pausa e depois falei, com uma voz grossa, as palavras bem pronunciadas:

— Volte ao castelo e diga ao Rei Artur que, na hora marcada para o meu castigo, eu vou fazer o dia virar noite. Vou fazer o sol sumir. A Inglaterra viverá na

escuridão. Sem o sol, o trigo morrerá, as árvores morrerão, os bois morrerão sem ter onde pastar e o reino todo vai **PERECER**.

Clarence desmaiou. Chamei os guardas para reanimá-lo e retirá-lo da cela. Agora era só esperar que acordasse e desse o recado ao rei.

Capítulo 4

Uma hora depois, perto do meio-dia, eu ainda comemorava o bom andamento do meu plano, dentro de minha cela solitária, quando a porta se abriu novamente. Eram os guardas:

— Vamos, estão todos esperando.

— Esperando o quê? — perguntei.

— Esperando a sua **EXECUÇÃO**. A fogueira já está pronta, só falta acender.

Senti minhas pernas **AFROUXAREM**, enquanto os guardas me cutucavam com suas lanças, para me apressar.

— Mas a execução está marcada para amanhã! Vocês estão enganados!

— Recebemos novas ordens, a execução foi antecipada.

No corredor encontrei Clarence. Ele me explicou que foi idéia sua pedir a antecipação da minha **SENTENÇA**. Ele tinha medo que eu realmente terminasse com o mundo, por isso sugeriu que eles me levassem para a fogueira hoje, assim meus poderes não estariam totalmente completos e o sol não desapareceria por inteiro. Clarence achava que o dia ficaria apenas escurecido se eu invocasse minha mágica um dia antes do previsto. Ele disse que bastava escurecer um pouco, para que todos respeitassem meus poderes.

Eu não sabia o que fazer. Estava rumando para a morte. Muito desanimado e triste, cruzei os corredores do castelo, onde nobres e soldados me olhavam com curiosidade. Depois, no pátio, era o povo que me **FITAVA**. Havia centenas de

pessoas em volta da fogueira. Os guardas me amarraram ao mastro que sustentava a fogueira e um guarda se aproximou com uma tocha nas mãos. Um padre ficou na minha frente, ergueu os braços e começou a rezar em latim. Fechei os olhos, tentei me acalmar, pensar nos bons momentos de minha vida, na minha noiva em Connecticut.

DE SÚBITO, o padre parou com sua **LADAINHA**. Pensei: “É agora que vão me torrar aqui”. Continuei com os olhos fechados, alguns segundos se passaram sem que eu sentisse o calor ou o cheiro do fogo. Ouvia apenas um **BURBURINHO** vindo da multidão.

Abri os olhos, o padre olhava para cima, assim como toda a população presente no pátio do castelo. Ergui minha cabeça e então pude sorrir: bem no meio do céu, o sol começava a ser coberto pela lua, o dia começava a escurecer. Uma motivação incrível tomou conta de mim, era como se eu tivesse nascido de novo.

— Rei Artur, peço que me solte e que revogue minha condenação — disse com seriedade e firmeza.

O rei parecia indeciso. Mas Merlin falou:

— Guarda, jogue a tocha na fogueira!

— Eu o proíbo de fazer isso, guarda! — Artur gritou com autoridade, logo após.

Desafiando o poder do rei, Merlin saiu de seu lugar e veio em frente à fogueira para, ele mesmo, tacar fogo em mim. Então, falei:

— Merlin, volte para o seu lugar ou você será arrebitado por um raio.

Ele ficou parado por alguns instantes, mas depois voltou para sua cadeira.

O rei então se levantou e disse:

— Estrangeiro, faça parar a destruição do sol e você será um homem livre. Dou-lhe minha palavra.

— Obrigado, Rei Artur. Mas o feitiço demora uma hora para ser desfeito. O dia vai virar noite. Agora preciso fazer meu ritual para que a noite volte a ser dia.

O guarda então me desamarrou e eu comecei a executar uma espécie de dança, com cantos indígenas, enquanto a lua ia passando em frente ao sol. Quando o ritual terminou, o eclipse já estava no fim. Perguntei para o bispo que estava por ali:

— Que dia é hoje?

— Vinte e um de junho do ano de 528 da graça do senhor — disse o religioso.

Clarence havia me dito que estávamos no dia 20! Por sorte o engano dele havia salvado a minha pele. Com o eclipse, todos no castelo ficaram admirados com meu poder. O rei me ofereceu um cargo poderoso dentro da **CORTE**. Eu seria uma espécie de ministro.

A idéia de comandar um país muito me agradou. Com minha sabedoria à frente daquele tempo medieval, eu poderia transformar a Inglaterra em um país muito melhor. Em minha mente projetei a construção de escolas, bibliotecas, a fabricação de livros, máquinas a vapor, armas... Era preciso dar noções de higiene para aquele povo, colocar a luz da ciência em suas mentes escurecidas por **CRENDICES**, superstições e ignorância.

Minha primeira **RESOLUÇÃO** no poder foi a de mandar o mago Merlin para a prisão. Afinal, ele havia proposto com **VEEMÊNCIA** que me incendiassem, além de ser um rival, já que ele também manipulava o rei e aquele povo através de sua “mágica”. A princípio, o rei ficou espantado. Tinha Merlin como mago e conselheiro há anos. Mas, convencido pela minha “incrível” demonstração de poder durante o eclipse, Artur concordou em trancafiar Merlin e conceder a mim plenos poderes.

Nos primeiros dias tudo correu bem para mim. Eu tinha uma vida simples e confortável no castelo. Tinha serviçais que me trariam comida se eu desejasse, tinha belas roupas, um cavalo muito bem cuidado, ganhei uma pesada espada **RELUZENTE** e Clarence virou meu assessor oficial. É certo que eu sentia a falta de coisas práticas como lamparinas, fósforos, livros, máquinas a vapor etc. Mas não se pode voltar séculos no tempo e querer ter os mesmos confortos que se tinha na época da qual se veio.

Enquanto eu ia me familiarizando com os costumes, a moda e a cultura do reino de Camelot, em sua cela, muito **AMARGURADO** e com desejo de vingança,

Merlin arquitetava seu revide. O velho bruxo começou a espalhar mentiras a meu respeito. Contava coisas absurdas aos guardas e às pessoas que o visitavam. Como tinha muitos amigos e ainda era influente no reino, logo o povo estava repetindo as barbaridades que meu oponente **DISSEMINAVA**:

- O estrangeiro é um impostor!
- Ele não é capaz de fazer magia nenhuma.
- Ele tem medo de Merlin, por isso o mantém preso.
- O mago estrangeiro é um bruxo do mal que quer dominar Camelot!

No começo eu achava os **BOATOS** muito engraçados. Mas depois percebi que na mente ignorante daquele povo, as mentiras de Merlin começavam a ser aceitas e repetidas. Minha popularidade caiu. Além disso, na frente do castelo havia **PEREGRINOS** vindos de todas as partes do reino. Todos queriam ver uma demonstração do meu poder. Queriam ver o homem que fez o sol sumir e voltar a aparecer atuando. Minha demora em atender a seus pedidos era interpretada por Merlin como um sinal de fraqueza.

Deixei que os rumores aumentassem e que o povo fosse chegando. Enquanto isso estudava a política, a história, a economia e as relações sociais do reino. Precisava conhecer o povo e o local que eu iria governar. Apenas quando a pressão por uma nova magia se tornou muito forte é que resolvi tratar desse assunto.

Tive a idéia de libertar Merlin e lhe propus um desafio. Em uma semana eu faria um feitiço e ele tentaria fazer outro que superasse o meu. Quem vencesse a disputa seria aclamado definitivamente como o mago de Camelot. Quem perdesse teria de acatar a superioridade do outro.

Minha idéia era simples: provar na frente de milhares de pessoas, das mais diversas localidades do reino, que eu era poderoso, que Merlin não faria falta, que comigo o povo estava seguro. Além disso, quando voltassem para casa, aquelas pessoas levariam a mensagem de esperança e ânimo de que agora a Inglaterra entraria em uma nova era.

Capítulo 5

No dia marcado a multidão cercava as muralhas de Camelot. Merlin e eu nos acomodamos em um terraço, de onde o povo podia nos observar a distância. Usando meu poder dentro do reino, eu havia conseguido os materiais necessários para causar uma grande explosão. Escolhi o meu alvo com bastante critério: a velha torre de Merlin. Era uma torre decadente que o velho mago dizia ser assombrada. Ele a usava como base. Como o prédio era afastado do castelo, calculei que uma explosão não machucaria ninguém. Durante a semana, trabalhei em segredo com Clarence e outros três homens. Minamos pontos estratégicos da torre com explosivos. Combinei com meus assistentes que, na hora marcada, eu ergueria os dois braços e eles poderiam detonar a torre.

A explosão certamente seria interpretada como mágica e Merlin seria derrotado ao vivo. Sua torre, destruída, não assombraria mais ninguém. Bem, esta era a minha projeção, mas nem sempre se pode prever tudo. No dia marcado para o desafio, o sol não deu trégua. Foi uma **ESCALDANTE** tarde de verão na Inglaterra. O duelo de mágicos estava marcado para o início da noite e, ao pôr-do-sol, o tempo começou a virar. Soprava um vento frio, vindo do norte, e a chuva não demoraria a chegar. Merlin fazia sua demonstração inicial, com muita fumaça, gestos e artimanhas. Milhares de pessoas o observavam com atenção.

Eu deixei Merlin ser o primeiro a se apresentar por calcular que assim minha “mágica” causaria um efeito maior. Mas agora ele se demorava em seus truques ridículos e a chuva se aproximava. Se chovesse, a torre molharia e meus explosivos falhariam. Sem a explosão eu perderia o duelo, meu posto e era capaz de ser novamente condenado à morte.

Por isso, tratei de apressar minha apresentação. Disse a todos que não queria ver o povo tomando chuva e comecei a fazer meus gestos, apontado para a torre e afirmando que ela iria pelos ares, como prova de minha superioridade. O povo se empolgou com minha promessa. Quando dei o sinal a meus ajudantes, senti minha barriga arder. Logo depois, ouviu-se um som **ESTREMECEDOR**, e pedaços de rocha da torre de Merlin foram arremessados em diversas direções. Uma coluna de fogo e fumaça se ergueu sobre os destroços da torre. Parte do povo saiu correndo, outra parte começou a gritar de medo e felicidade.

Merlin me olhou com raiva. Rei Artur tinha admiração nos olhos. A nobreza de Camelot não tinha mais dúvidas, eu era poderoso! Nos dias seguintes, recebi muitos elogios e o Rei Artur quis me presentear com um título de nobreza. Mas eu recusei. Sempre fui contra a **MONARQUIA**. Sempre pensei que um país deve eleger seus líderes e estes devem trabalhar para seu povo. Na verdade sempre pensei que um sistema de governo em que apenas um homem manda em tudo e em todos é o ideal, desde que este homem seja sempre justo, capaz de pensar em todos os seguimentos da sociedade e que não morra nunca. Como não existe homem capaz de tamanho **ALTRUÍSMO** e imortalidade, acho esse sistema de governo o pior que existe.

É claro que eu ficaria **ENVAIDECIDO** com um título de Sir ou Conde, ou Duque, mas minha visão era mais ampla do que as vaidades pessoais. Eu projetava um futuro de grandezas para aquele reino. E queria que essas grandezas pertencessem ao povo como um todo, sem exclusão. Queria que as riquezas, o território, a cultura, a língua, as oportunidades de ensino, saúde e trabalho estivessem ao alcance de todos. Foi movido por esse desejo que ganhei e aceitei o apelido de Chefe. Desvinculado das relações da nobreza, mas com **AUTONOMIA** para governar. Logo no começo de meu mandato como o Chefe, Merlin deixou o castelo e foi embora de Camelot. Uma nova era estava para começar.

Nos meses seguintes, estive muito ocupado estudando aquela sociedade e desenvolvendo técnicas para adaptar meus conhecimentos à Idade Média. Sem deixar a Igreja saber, fui pondo em prática meu plano de governo. Aos poucos os pobres da Inglaterra começavam a ter acesso às escolas. Aprendiam a ler, ampliavam seu mundo. Construí também algumas oficinas, que depois se transformaram em fábricas. Aos poucos fui cuidando também da economia de Camelot. Rearranjei os impostos. Antes os pobres e os pequenos produtores pagavam mais impostos do que os nobres mais ricos. Com minha influência consegui diminuir a **CARGA TRIBUTÁRIA** sobre os pobres, fazendo que a sociedade ficasse mais igualitária.

Tratei de melhorar o exército, montando uma academia militar secreta, onde tudo funcionava nos moldes da academia de West Point, nos EUA, onde eu tinha me formado. Também mandei construir um porto moderno, em um local retirado e estratégico. Tratava meus empreendimentos com **SIGILO**, pois não queria alertar os opositores, nem alguma nação inimiga do continente europeu e tampouco a Igreja, que na era medieval tinha muitos poderes e costumava fazer muitas proibições, levando seus adversários à fogueira.

Tudo ia correndo muito bem para mim naquela época distante. É claro que eu sentia a falta de meus amigos, da minha noiva e do meu tempo no século XIX, mas a experiência com o poder, a possibilidade de governar quase como um **DITADOR** e os mais de mil e trezentos anos de vantagem que eu tinha em relação aos **SÚDITOS** me davam uma enorme sensação de superioridade.

Em um final de semana, fui assistir a um grande torneio dos cavaleiros da Távola Redonda. Estava sentado perto de outros cavaleiros e nobres do reino, enquanto pelo gramado galopavam cavalos. Sobre eles reluziam as armaduras de ferro, **TILINTAVAM**, lanças, espadas, escudos. Sobravam **RELINCHOS**, tombos, ossos partidos e risadas. Era o principal torneio de Camelot, uma diversão bastante violenta, onde os homens tentavam afirmar-se em demonstrações de **VIRILIDADE**.

Era uma terra de aventureiros. Estavam sempre em busca de **SAGAS** pessoais, atos de heroísmo, glória pessoal. Quase toda semana havia um torneio do reino. Lancelot e outros cavaleiros sempre me convidavam, mas eu sempre recusava. Primeiro porque meu espírito prático e funcional não via nenhuma utilidade naquelas demonstrações de macheza. Segundo porque eu não tinha a habilidade de um cavaleiro e, se participasse, poderia me machucar feio.

Contudo, neste dia do grande torneio, o tempo estava lindo e resolvi prestigiar o evento. Afinal, precisava conhecer o povo que eu governava. Havia mais de quinhentos cavaleiros e cavalos disputando o título de melhor cavaleiro do reino. Gente de todo o país e de alguns pontos do continente estava lá para participar da competição.

Ao contrário do povo, até mesmo as moças, que gritavam e batiam palmas ao ver as cenas de violência, eu assistia aos combates em silêncio. Estava quieto, perdido em meus pensamentos, quando Sir Dinadan se aproximou de mim e começou a me contar uma história chata e interminável sobre suas aventuras. Quando, após mais de meia hora de falação, Sir Dinadan terminou seu relato, seu **ESCUDEIRO** apareceu e disse:

— Vamos, Sir Dinadan, está na hora de seu combate!

Ele se despediu e se foi. Em um desabafo, fechei os olhos e resmunguei:

— Tomara que morra!

Por extrema falta de sorte minha, bem neste momento, Sir Sagramor e Sir Gareth se enfrentavam em seus cavalos bem na minha frente. Para piorar, Sir Sagramor, também conhecido como o ambicioso, ouviu a minha praga e achou que eu me dirigia a ele, isso fez com que se desconcentrasse e fosse atingido por Sir Gareth, indo ao chão e perdendo sua disputa.

Quando pôs-se de pé, Sagramor estava furioso. Só pensava em me punir. Queria saber por que eu o havia enfeitiçado. Eu disse que era inocente, mas ele continuava me acusando. Por fim falou:

— Só não lhe desafio para um combate agora porque estou ferido. Além disso, dentro de alguns dias parto em busca do **SANTO GRAAL**. Mas, assim que eu voltar, em três ou quatro anos, nós vamos acertar nossas contas em uma luta justa.

Concordei com o maluco. Afinal, em três ou quatro anos ele poderia muito bem morrer ou esquecer do combate. Ou eu poderia achar uma forma de voltar para a minha época. Não poderia me preocupar com aquilo por antecedência.

Capítulo 6

Admirado com meus feitos, mas preocupado com a minha falta de glórias, Rei Artur exigiu que eu percorresse o país em busca de aventuras. Ele queria que eu ganhasse experiência para o meu combate com Sir Sagramor dentro de alguns anos. Para não contrariar o rei, decidi aceitar. Concluí que seria uma boa forma de conhecer a Inglaterra.

Na minha primeira missão, tive de levar uma moça de volta para sua casa. Ela apareceu no reino dizendo que sua patroa estava aprisionada em um castelo junto de outras 44 jovens lindíssimas. Disse que essa crueldade já durava 26 anos! Os donos do castelo seriam três irmãos muito grandes, cada um com quatro braços e apenas um olho. Eram gigantes **CICLOPES**. Também viviam no castelo alguns **OGROS**.

É claro que na hora eu percebi que aquela história era absurda e que seria ridículo fazer as vontades daquela moça, mas todos os cavaleiros ficaram empolgados com o relato. Passaram o dia lembrando combates com gigantes, ciclopes e monstros nos mais diversos cantos da Inglaterra. Artur veio pessoalmente pedir que eu ajudasse a moça. Decidi atender a seu pedido, porque fora de Camelot minha mente poderia descansar do mundo de lendas e ignorâncias que dominava o castelo.

Interoguei a moça, mas não consegui obter nenhuma informação útil. Ela não sabia para que lado ficava o tal castelo, nem a quantos dias de viagem. Tampouco lembrava o caminho que havia percorrido até chegar a Camelot. Disse apenas que seu nome era Demoiselle Alisanda la Carteloise, embora não **PORTASSE** nenhum documento que confirmasse sua identidade.

Assim, sem esperança de chegar ao lugar certo, recebi um cavalo, uma armadura e parti de Camelot, acompanhado de Alisanda. Os primeiros dias foram terríveis! A armadura esquentava muito no sol, era muito pesada, provocava assaduras, não tinha bolsos e limitava meus movimentos. Tive vontade de sair correndo pelo campo e me atirar em um abismo ou em um rio para me livrar dela, já que era preciso dois escudeiros para retirá-la. Até para fazer as necessidades fisiológicas eu tinha o maior trabalho!

Para completar meu infortúnio, Alisanda não calava a boca um segundo, sempre **TAGARELANDO** ou então cantando **MUSIQUETAS** insuportáveis. Mas dizem que nos acostumamos a tudo e, com o passar dos dias, passei a conviver melhor com minha companheira.

Era difícil encontrar comida e água e passamos algumas necessidades no caminho. Atravessamos um temporal, dormimos na caverna de um ermitão, **AO RELENTO**, mas aos poucos fui me habituando com a vida **ERRANTE**, colhendo frutos quando eles apareciam, negociando comida com camponeses, pescando etc.

Duas semanas após nossa partida, avistamos seis cavaleiros a uns 400 metros de distância. Eu estava relaxando, sem o elmo, fumando meu cachimbo, e achei que eles não nos atacariam. Mas aqueles eram tempos de aventuras, covardia e justas. E os seis cavaleiros partiram a galope em nossa direção. Provavelmente queriam nos assaltar, pensei, colocando o elmo e falando para Alisanda se esconder atrás de uma das árvores que havia perto dali.

Quando eles estavam a uns 100 metros, traguei meu cachimbo. Pensei que fosse a minha última **BAFORADA**, já que minhas chances eram mínimas contra seis homens armados. Assim que a fumaça deixou o elmo, os homens travaram seus cavalos e deram meia-volta, galopando até o ponto de onde haviam saído. Alisanda veio correndo, pulando de felicidade, em minha direção.

— Meu herói! Você me salvou!

— Mas eu não fiz nada!

— Como não, eu vi. Você soltou uma fumaça de dragão pelo capacete e isso assustou nossos **ALGOZES!**

Tive de rir. Aqueles “terríveis” cavaleiros tinham ficado com medo de uma fumacinha de cachimbo. A ignorância era **MEDONHA** naquele reino. Como os cavaleiros permaneciam na colina, perguntei para Alisanda:

— Será que eles vão nos atacar de novo?
— Quem? Eles? Nunca! — ela respondeu rindo.
— Então por que permanecem parados lá?
— Ora, Sir Chefe, eles deveriam vir até aqui para entregar-se como prisioneiros, uma vez que perderam a batalha, mas devem estar loucos de medo de seus poderes de dragão, por isso aguardam lá, ao longe.
— Se eu for até lá, eles se entregam?
— Na teoria, sim. Na prática eles fugiriam.
— E como vamos fazer, então? — perguntei.
— Eu vou até lá e mando que eles se encaminhem até Camelot como prisioneiros de Sir Chefe.

Pensei em pedir que ela me chamasse apenas de Chefe, mas estava tão aliviado em não precisar lutar (e provavelmente morrer) que apenas disse:

— Você teria coragem de ir até lá Sandi?
— É claro que sim! Com você aqui eles não farão nada contra mim. E muito obrigada por me chamar de Sandi, adorei.

Assim, ela foi até eles. Dei a idéia de que, em vez de irem para a prisão, eles tivessem de cruzar o solo inglês como missionários, distribuindo sabonetes e escovas de dentes para a população e ensinando-os a usar. Escrevi uma carta para que eles entregassem a Clarence, assim meu assessor poderia providenciar tudo. As prisões na maioria das vezes apenas **DEGRADAM** o ser humano. As **PENAS** alternativas fazem do criminoso um sujeito útil à sociedade, e essa valorização ajuda em sua reeducação.

Sandi conversou por alguns poucos minutos com eles e logo os bandidos se puseram a trotar rumo ao castelo do Rei Artur. Fiquei admirado com os costumes daquele povo e com a **FIBRA** de Alisanda. Cheguei também a me surpreender por ter inventado espontaneamente um apelido para ela.

Capítulo 7

Ao lado de Sandi, percorri muitos lugares e vivi muitas aventuras até encontrar o tal palácio onde as virgens eram prisioneiras de ciclopes e ogros. Na verdade, o tal palácio era um chiqueiro! E as donzelas não passavam de porquinhas que **CHAFURDAVAM** na lama felizes. Em vão tentei mostrar para Sandi que ela estava enganada. Ela seguia firme, acreditando em sua ilusão. Para não contrariá-la, comprei todas as porquinhas dos ciclopes e dos ogros, ou seja, dos pastores que cuidavam da criação. Eles ficaram muito felizes, pois fui **GENEROSO** e paguei um preço acima do valor de mercado.

Sandi também me abraçou, muito emocionada e depois cumprimentou todas as porquinhas. Difícil mesmo foi conduzir aquela **VARA** sem poder nem gritar ao menos com eles, porque Sandi não deixava. Ainda bem que logo chegamos a um local sagrado, onde os porcos foram encaminhados para o pátio de um mosteiro e Sandi se acalmou.

Nesse local, chamado de Vale Sagrado, havia uma fonte muito procurada por fiéis para se purificar. Mas a fonte havia secado há alguns dias, causando desespero nas pessoas. Os crentes achavam que a seca era sinal de desgraça, uma **PUNIÇÃO** divina. Os mais exagerados falavam no fim do mundo!

Conversei com os padres, identifiquei-me e obtive permissão para analisar a saída de água da fonte. Segui seu encanamento e pedi que me baixassem com cordas dentro do poço de onde deveria sair a água da fonte. Lá dentro, com uma tocha, descobri que havia ocorrido um desabamento. As paredes estavam obstruindo a saída da água até o encanamento.

Merlin também estava no Vale e tentava resolver o problema da falta d'água com sua mágica, mas é óbvio que não conseguiu. Eu mandei um **EMISSÁRIO** a Camelot com uma carta para Clarence, pedindo várias ferramentas e produtos químicos para realizar o meu "milagre". Quando o material chegou, comecei a

trabalhar. Sem revelar a causa do problema e trabalhando sozinho, consegui consertar a fonte.

Mais uma vez, desta vez longe de Camelot, fui aclamado como herói, mágico e milagreiro pelo povo. Concluí que é mais fácil achar uma explicação fantástica, mágica para as coisas do que raciocinar e tentar entender como elas são e por que funcionam da forma como funcionam.

Deixei Sandi no Vale para que ela pudesse cuidar de seus amigos suínos. Eu esperava que ela descansasse e, quem sabe, voltasse a perceber o mundo de uma forma normal. Voltei a Camelot, pois tinha de cuidar do meu projeto de modernização do país.

Capítulo 8

No reino, comecei a reencaminhar meu projeto de civilização das ilhas britânicas. Ensinei Clarence e outros vinte rapazes formados em nossas escolas a fabricar e produzir telégrafos e telefones. Secretamente, instalamos esses aparelhos nas maiores cidades do país.

Com a comunicação mais eficiente, decidi que seria útil voltar a percorrer a nação. Assim ficaria mais fácil decidir o que fazer em cada região, onde construir as mais diversas **BENFEITORIAS** etc. No entanto, desta vez eu pretendia viajar **INCÓGNITO**. Totalmente disfarçado, já que a armadura despertava muitos interesses, assustava os mais humildes e provocava os mais poderosos. Disfarçado de camponês eu poderia viajar de forma mais livre e mais confortável, sem o peso da armadura.

Quando comuniquei ao Rei Artur minha decisão, fiquei muito surpreso. Ele adorou a idéia e decidiu me acompanhar nessa jornada secreta. Tentei fazer que desistisse da idéia, porque sua vida era muito valiosa para o reino, mas ele estava decidido a colocar um pouco de aventura **INÉDITA** em sua vida.

Em nossas andanças, Artur se mostrou um companheiro excelente. Era um homem de coração puro e bondoso. Mesmo que eu fosse contra a monarquia e a figura de um rei, tinha de admitir, Artur tinha um grande caráter e uma enorme

vontade de ajudar seu povo. O problema é que, embora vestido como um pobre, Artur continuava a se comportar, falar e agir como o rei. Mas as pessoas não o reconheciam, naquela época em que não havia jornais nem fotografias. Por isso, acabavam pensando que Artur era um chato ou um louco que se punha a **ESBRAVEJAR** contra as coisas que achava errado. Sua soberania não estava no **MANTO**, nem na coroa de rei, sua liderança era **CONGÊNITA**, por isso não conseguia disfarçar sua condição.

Em uma tarde que nunca esquecerei, Artur teve a coragem de carregar no colo uma garota em estado terminal de **VARÍOLA** para que a sua mãe pudesse vê-la antes que morresse. Ele não se preocupou com sua própria vida, não considerou que poderia ele mesmo pegar a doença, o mais importante para o rei foi dar àquela mãe e àquela filha a possibilidade de se verem pela última vez.

Fiquei muito impressionado com aquele ato verdadeiramente real de bravura e, a partir dali, minha amizade, respeito e admiração pelo **SOBERANO** cresceram. Seguindo nossa jornada, acabamos lutando contra os homens de um vilarejo. Acabamos perdendo a briga e fomos levados à presença de uma autoridade local. Por azar o homem nunca tinha visto o Rei Artur pessoalmente, de modo que não o reconheceu.

Isso fez com que ele nos aplicasse uma pena severa, como era comum que se fizessem com vagabundos arruaceiros: fomos vendidos como escravos! Para quem nos conhecesse e visse a cena, seria muito **IRÔNICO**. O Rei e o Chefe acorrentados, trabalhando debaixo do sol forte ou da chuva. **ROÇANDO** o terreno com enxadas, virando a terra com pás, plantando e carregando pedras. Tudo sob os gritos de um **CAPATAZ** e a ameaça da **CHIBATA**. Passamos um mês de

sofrimentos forçados. Nossas mãos ficaram cheias de calos e feridas, emagrecemos. Era horrível trabalhar doze horas por dia, com o corpo doendo, e não receber nada por aquilo, apenas um prato de comida fria e horrível.

Antes que morrêssemos no trabalho, bolei um plano para nos tirar de lá. Mas Artur estava fraco e não conseguiu escapar. Apenas eu me livre, lhe prometendo que em poucos dias traria Sir Lancelot e os outros cavaleiros até as **CERCANIAS** de Londres, onde nos encontrávamos, para resgatá-lo.

O Rei Artur disse que acreditava em mim e que, quando tudo aquilo terminasse, iria **ABOLIR** a escravidão do país. Havia sentido na pele os horrores e a vergonha humana que era a escravidão e que nunca mais na Inglaterra um homem seria escravo de outro homem, independentemente de sua crença, **ETNIA**, lugar de origem ou cor.

Em Londres fiquei sabendo que, inspirados pela minha fuga, outros escravos tinham tentado fugir, após matar o capataz, mas foram pegos. Agora seriam enforcados em praça pública, na capital, assim que eu fosse capturado, para que também servisse de exemplo. Tratei de avisar Camelot imediatamente, por telégrafo. Clarence entendeu a gravidade da situação e disse que os cavaleiros chegariam a Londres em dois ou três dias.

O problema foi que, no dia seguinte, fui capturado enquanto tentava conseguir comida e uma roupa para me disfarçar. Meu enforcamento, junto do Rei Artur e dos outros escravos, foi marcado para o dia seguinte. Fiquei desesperado, pois era muito difícil que os cavaleiros chegassem a tempo!

Mas, para a sorte de toda a Inglaterra, no momento em que estavam colocando a corda no pescoço do Rei Artur, eu vi dobrando a esquina e desaguando na praça centenas de cavaleiros (depois fiquei sabendo que eram quinhentos!) todos eles pedalando bicicletas e erguendo suas espadas. Estávamos salvos!

Capítulo 9

Na volta a Camelot, descobri que Sir Sagamor tinha retornado de sua busca **INFRUTÍFERA** pelo Santo Graal. Ele havia marcado a data do combate para dali a uma semana. Cada combatente poderia escolher as armas que quisesse usar. Eu ainda estava me recuperando dos sofrimentos causados pela escravidão, por isso resolvi agir como um homem do século XIX e não mais um ser medieval.

Preparei uma bomba. Meu plano era jogá-la na frente do cavalo de Sagamor, fazendo que ele caísse. Uma vez no chão eu colocaria minha espada em seu pescoço e o obrigaria a uma **RENDIÇÃO**. Tinha pena do cavalo, mas tinha mais pena de mim. Se eu fosse cravado por uma lança, certamente morreria. O cavalo de meu adversário talvez nem se machucasse na queda.

No dia da justa, Sagamor apareceu armado com o que dizia ser um escudo e uma lança encantados pelo mago Merlin. Eu fui vestido com roupa de ginasta, tendo nas mãos um laço de vaqueiro. Se por um lado minha roupa não me protegeria do ferro da espada e da lança, por outro ela me deixava muito mais flexível. Além disso a minha arma, que causou risos na platéia, era diferente. Eu tinha o elemento-surpresa a meu favor.

Treinei bastante com o laço e, no dia do combate, consegui desviar do golpe de Sagamor ao mesmo tempo que lhe lacei. Quando a corda esticou, meu adversário foi jogado longe de seu cavalo. Com a espada o forcei a entregar-se. Não foi preciso usar a bomba e mais uma vez a magia de Merlin havia perdido para o raciocínio científico.

No dia seguinte, combinei com Artur e Clarence e decidimos revelar ao povo todos os nossos avanços científicos. A escravidão foi abolida e agora, de forma aberta e pública, começamos a dar um salto de progresso na Inglaterra. Em três anos, construímos pontes, abrimos estradas, inventamos o trem, a bolsa de valores e fomos dando aos cavaleiros da Távola Redonda novas funções. Agora eles agiriam como ministros, governadores, prefeitos, deputados. Não mais iriam percorrer o mundo em busca de glórias pessoais. Seu objetivo agora era coletivo e suas glórias deveriam fazer bem para toda a nação. Nessa época também me casei com Sandi e consegui que ela visse o mundo de um modo mais racional. Tivemos um filho juntos.

Quando nosso bebê ficou doente, tive de ir até a França para tentar conseguir um remédio. Felizmente consegui salvá-lo, mas quando voltei à Inglaterra ela estava muito mudada. As ruas estavam sujas, as pessoas tinham pressa, as fábricas poluíam o ar e os rios. Para piorar, descobri que o Rei Artur e quase todos os cavaleiros haviam morrido em uma guerra civil contra Mordred. A Igreja havia assumido o comando do reino. Fiquei arrasado com as mudanças, mas era preciso reverter essa situação, eliminar Mordred e retomar o poder.

Clarence havia feito um esconderijo em uma caverna e lá, com cinquenta e dois homens formados em nossas escolas, havia montado uma fábrica de armas, estava preparando a contra-revolução. Quando eu cheguei, declaramos ser uma república, baseada na igualdade entre seus cidadãos, onde nenhum deles seria beneficiado por ter uma **SUPOSTA** origem nobre, como acontece na monarquia.

Tivemos de destruir todas as nossas fábricas, escolas, linhas férreas, telefones e telégrafos para que não fossem usadas pelo inimigo e nos preparamos para a batalha contra toda a Inglaterra. A Igreja e os nobres não queriam uma sociedade igualitária nem uma república, por isso marchavam em nossa direção. Queriam nos exterminar. Para nos defender, colocamos **MINAS** no campo em volta da caverna e, após as minas, cercas elétricas.

Foi terrível ver como milhares de homens e cavalos foram pelos ares quando os eqüinos pisaram no solo minado por bombas. A guerra moderna era muito mais cruel e assassina do que os combates medievais, no cabo da espada. As explosões criaram um enorme fosso que enchemos de água onde muitos inimigos morreram afogados. Os que cruzavam o fosso tinham de escalar o muro de terra também formado pela explosão das minas. Depois do muro estavam nossas cercas elétricas que, durante a noite, mataram milhares de soldados.

Com milhares de mortos apodrecendo do lado de fora da caverna, estávamos encurralados. Se saíssemos seríamos pegos pelos cavaleiros **REMANESCENTES** e, se ficássemos, as péssimas condições de higiene, o mau cheiro e as doenças da água e do solo infectados com certeza nos matariam. Além disso, nossa comida e água estavam no fim.

Entre morrer lutando em busca da liberdade ou morrer confinado em uma caverna, escolhi morrer lutando. Mas quando saí do esconderijo fui atacado por um cavaleiro. Consegui nocauteá-lo, mas levei uma facada na barriga. Voltei para a caverna e fiquei duas semanas em repouso, tentando me recuperar. Vou terminar este relato aqui, pois me encontro muito desanimado para continuar escrevendo. Imaginei um futuro muito diferente para a Inglaterra, mas até o momento não vejo como isso possa acontecer.

Capítulo 10

Quem escreve agora é Clarence. Achei as anotações do Chefe e decidi terminá-las, para que fiquem completas. Vou contar o que aconteceu com ele. Enquanto ainda se recuperava, Hank recebeu uma visita. Era uma mulher que dizia ser amiga de Sandi, mas na verdade era o mago Merlin disfarçado. O mago, para vingar-se de todas as derrotas sofridas, colocou um feitiço no Chefe, condenando-o a dormir por mil e trezentos anos!

Com pena de seu destino cruel, resolvi esconder o Chefe no fundo da caverna e coloquei seu livro de memórias com estas últimas páginas escritas por mim ao seu lado. Espero que, quando ele acordar, no século XIX, possa ler este livro e saber ou lembrar de tudo.

Nós, seus fiéis escudeiros, vamos continuar **SITIADOS** na caverna e tentaremos resistir de alguma forma. Se um de nós sair daqui vivo, a primeira coisa a fazer é escrever esta história, para propagar a luz dos conhecimentos científicos nesta era de escuridão e ignorância.

Enquanto isso, no século XIX, o ianque dormia, com um grande ferimento na cabeça. Ardendo em febre, com terríveis pesadelos sobre batalhas, duelos, reis, ciclopes, magos e enforcamentos. Sentia falta de sua esposa e de seu filho.